

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ADRIANA ROSÂNGELA ROBERTO DOS SANTOS

**APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – UM
DESAFIO CONSTANTE EM SALA DE AULA**

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ADRIANA ROSÂNGELA ROBERTO DOS SANTOS

**APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – UM
DESAFIO CONSTANTE EM SALA DE AULA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia –
Programa Especial de Formação de Professores
em Exercício nos Municípios da Região
Metropolitana de Campinas, da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campinas,
como um dos pré-requisitos para a conclusão da
Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2006

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por estar ao meu lado em todos os momentos de minha vida.

Ao meu amado e querido pai que está junto a Deus e que sempre acreditou em mim e sentia orgulho em sua filha ser professora.

Ao meu marido Roberto pelo companheirismo durante todos esses anos.

Aos meus filhos: Gustavo e Vinícius pelo carinho, compreensão e ajuda.

A minha mãe Antonia que sempre me ajudou cuidando de meus filhos para eu continuar meus estudos.

Aos meus irmãos especialmente Andréia que nunca deixou que eu desanimasse.

As minhas queridas e amigas colegas de curso: Aparecida, Ana Carolina, Ana Lúcia, Célia, Claudinéia, Cleonilda e Sônia que aprendi a conhecer e respeitar.

A todos os Assistentes Pedagógicos da Turma “A”, o meu muito obrigada.

“ Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina”

CORA CORALINA

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	06
2. INFÂNCIA – FASE INESQUECÍVEL.....	08
2.1 Primeiros anos escolares.....	09
2.2 “ Ga-Li-Leu Leu”.....	11
3. O GRANDE DESPERTAR.....	14
4. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS.....	17
5. DIFERENTES LINGUAGENS EM SALA DE AULA.....	21
6. FACULDADE: O SONHO QUE SE TORNA REALIDADE.....	23
7. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – VALORIZANDO OS CONHECIMENTOS PRÉVIOS.....	25
7.1 “A Escola”.....	30
7.2 Afetividade – Fator primordial dentro de uma aprendizagem Significativa.....	32
7.3 Autoridade x Autoritarismo.....	38
7.4 Como Avaliar?.....	41
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
9. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	46

1) APRESENTAÇÃO

Devo confessar que a escrita deste memorial é um desafio, mas como todo desafio proposto, este também será superado, pois acredito que depois de começá-lo tudo se encaixará: as lembranças do passado bem como as novas idéias que estão presentes em minha vida hoje e a mudança de olhar quando ao ensinar.

Sou professora da Rede Municipal de Hortolândia há nove anos. Sempre trabalhei com o Ensino Fundamental, com o segundo ciclo para ser mais precisa (3ª e 4ª séries). Adoro trabalhar com crianças nessa faixa etária, pois além de ser muito gratificante ver o desenvolvimento das habilidades é muito prazeroso contribuir para a autonomia e criticidade dos mesmos.

Abordarei nesse memorial a importância de uma aprendizagem significativa, pois sem ela acredito que não estaremos formando cidadãos críticos e participativos dentro de nossa sociedade. Mas ao mesmo tempo, é um desafio constante para nós educadores que ela ocorra, devido ao próprio despreparo e desvalorização dos profissionais da área de educação, bem como a falta de recursos na unidade escolar e falta de apoio da equipe gestora. Dessa forma uma grande maioria dos profissionais se sente desmotivados e acabam não preparando seu planejamento de acordo com as necessidades de seus alunos.

Comentarei sobre as diferentes linguagens que devem permear as aulas para torná-las mais prazerosas e ao mesmo tempo proporcionar uma educação de mais qualidade para os alunos.

Relatarei a minha infância, pois acredito que está aí as minhas maiores lembranças, bem como, meus primeiros anos escolares e a minha frustração nesse período tão precioso de minha vida.

Resgatarei a importância da leitura e como a mesma, começou a fazer parte em minha vida, graças a um professor muito especial da 5ª série e de como hoje a mesma faz parte constante em minhas aulas.

Tecerei comentários sobre a importância da afetividade na relação professor/aluno, e de como a mesma pode vir a interferir na aprendizagem se ela não estiver presente em todas as etapas de ensino, desde o planejamento até a execução do mesmo, bem como, dentro de uma aprendizagem significativa não se tem lugar para o

autoritarismo do professor, pois o mesmo prejudica e muito a aprendizagem de nossos alunos, deixando-os inseguros e com a auto-estima baixa.

Dentro dessa perspectiva de aprendizagem significativa comentarei sobre o ato de elogiar o aluno, e que o mesmo não deve ser feito de forma arbitrária. O elogio deve ser feito a todos os alunos em geral e sem distinção.

Como avaliar também é ainda um grande problema dentro de nossas instituições de ensino. Dessa forma procurarei me reportar a alguns autores para demonstrar o real papel da avaliação, tendo como objetivo a qualidade de ensino-aprendizagem para os alunos. Comentarei como é de extrema importância termos conhecimentos teóricos e saber como argumentar sobre eles. Relatarei uma experiência com uma aluna em relação à avaliação e o que essa falta de informação acarretou.

Farei um paralelo da minha prática docente antes do PROESF (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas) e relatarei a importância do curso, para meu crescimento pessoal e profissional, especialmente em algumas disciplinas que me proporcionaram um “novo olhar” perante o ensinar, apontando as mudanças significativas em minha prática em sala de aula com meus alunos.

2) INFÂNCIA - Fase Inesquecível

“Volto no tempo menino fieira e pião
Sonhos embalam no vento a pipa e o balão
Entre piratas e primas tesouros e medos de assombração
Eu só sabia que a vida
Invadia os sentidos regia o coração
E o sol me aquecia e brilhava
Em qualquer estação.
Se hoje me perco nos labirintos da razão
Vem o menino que eu fui e me estende a sua mão
E ele me acalma trazendo
A antiga e serena doce sensação.”
(TOQUINHO e MUTINHO, 1983).

Não teria como escrever esse memorial sem retratar como se deu minha infância e meus primeiros anos escolares.

Nasci em Marília, interior de São Paulo, no dia 03 de Janeiro de 1970. Sou a filha mais velha de meus pais. Tenho três irmãos: Andréia, Junior e a caçula, Thais.

Meus pais sempre viveram e trabalharam em fazenda, na lavoura de café. Como era pequena, ficava em casa aos cuidados de minha bisavó e na companhia de minha prima Márcia enquanto nossos pais trabalhavam.

Minha infância foi rica em brincadeiras e carinho de meus pais. Brincávamos muito embaixo das árvores, no meio do pomar e de escolinha com as crianças da fazenda (a vontade de ser professora já despontava em mim). Quando nossas mães iam lavar roupa no rio, íamos brincar nas águas. Foi uma infância maravilhosa onde se podia brincar sem se preocupar com os perigos que hoje em dia nos atormentam, e que infelizmente muitas de nossas crianças não podem fazer. Mal podem sair às ruas para brincar e se divertir, ficando na maioria das vezes em casa, na frente da televisão assistindo a programações que infelizmente não são adequadas para elas, ou na frente do computador ficando cada vez mais distanciadas de amigos “reais”, vivendo em um mundo solitário.

Sempre tive muita sorte, pois minha família sempre foi muito unida. Éramos pobres, meus pais tinham que trabalhar constantemente na lavoura como já disse, passávamos por situações financeiras difíceis, mas o amor e a união sempre existiram em meu lar. Meu pai sempre amigo e companheiro, me levava todas as manhãs para tirar leite das cabras com ele e brincava de bicicleta comigo no terreirão de café todas as tardes. Levava-me para tomar banho no rio que passava próximo a nossa casa onde fazíamos a maior algazarra, e minha mãe sempre muito atarefada com seus deveres

domésticos sempre reservava um tempo para buscar frutas no pomar, pois ela sabia que eu adorava.

Meus pais sempre fizeram do diálogo e respeito, bases para o relacionamento da família e sempre procuraram transmitir isso para mim e meus irmãos e, se sou o que hoje sou é graças a eles, que sempre me motivaram, incentivaram e acreditaram em mim.

Lembro-me com carinho de quando eu e minha avó íamos levar minha prima até a escola rural. Morria de vontade de estudar, mas ainda não tinha idade para freqüentar a escola e não havendo pré-escola naquela local, me contentava em apenas levá-la.

Graças a uma geada muito forte no ano de 1976, meus pais tiveram a oportunidade de mudar de vida. O dono da fazenda acertou os direitos dos trabalhadores e meu pai veio tentar a vida em Campinas. No início não foi fácil, mas conseguiu comprar uma casa e arrumou emprego.

A vida aqui na cidade era muito diferente da roça, onde podíamos brincar sem preocupações, agora era necessário ter mais cuidado e precauções, mas mesmo assim ainda me divertia muito na rua onde morei quando pequena. Lembro-me que todas as noites depois do jantar, eu, minha irmã, minhas primas e amigas brincávamos de queimada, esconde-esconde, pega-pega e passa anel. Nossos pais sempre estavam por perto para nos acompanhar.

Quando fiz a opção por aprendizagem significativa pensei na minha infância, pois para que ocorra essa aprendizagem é necessário que tudo o que se viva, desde o nascimento até a fase adulta seja realmente significativo, e minha infância foi muito significativa para mim. Lembro-me de detalhes que minha mãe diz que seria impossível uma criança tão pequena lembrar. Pensei também em minha alfabetização e aí vem minha frustração.

2.1) PRIMEIROS ANOS ESCOLARES

Diferentemente das lembranças de pequena, apenas o que me lembro de minha alfabetização é da cartilha e muito vagamente de uma professora da 2ª série que acredito que deveria ser muito atenciosa. Isso me frustra muito. Como não lembrar de um período tão importante em minha vida?

Sempre fui uma criança muito tímida e sentia vergonha em me expressar. Acredito que isso e o método utilizado na época para alfabetizar devam ter influenciado esse esquecimento. O método utilizado era o tradicional, e hoje sei que esse método tem o professor como centro do processo usando de seu “poder” para impor o autoritarismo diante de seus alunos. Para os alunos não há opção: tem que ser passivos, não podem argumentar e trocar conhecimentos, pois a punição faz parte das aulas e necessitam “decorar” a matéria sem a compreender. Acredito que isso contribuiu e muito para que a minha alfabetização não fosse significativa, por isso o esquecimento.

Em relação ainda ao método tradicional Leite (2001) fala que a escola passa a apresentar para a criança a escrita através de textos totalmente descontextualizados, enfatizando somente o código, em detrimento do significado. Dessa forma, a aprendizagem se torna mecânica, onde os alunos acabavam somente por decorar a matéria ensinada pelo professor, favorecendo a educação bancária. Paulo Freire (1983) nos fala que em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicado” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Nessa visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância que constitui o que ele chama de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

Hoje vejo a importância de uma concepção de ensino-aprendizagem centrada no aluno e que o valorize totalmente para que a aprendizagem seja algo que faça significado para ele e o professor tem um papel fundamental nesse processo. Ele deve ser um sujeito crítico e reflexivo para estar sempre avaliando suas ações como profissional e cidadão, dessa forma, “ *o professor tem o importante papel de provocar a reflexão crítica de seus alunos a partir de conflitos que caracterizam as situações do cotidiano*” (LEITE, 2001, pág.81).

A disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa fez com que eu refletisse muito em relação ao ensinar e o aprender. Um texto lido¹ em uma das aulas mostra claramente que o ato de ler e escrever devam ser cheios de significados e ao mesmo tempo prazeroso, pois só assim conseguiremos fazer com que despertem para esse mundo incrível que é o mundo da leitura e escrita.

¹ “Ga-li-leu Leu de Lia Zatz.

2.2) “GA-LI-LEU LEU”

Era uma vez um menino que lia.

Mas a professora dizia:

ERRADO!REPETE!

E o menino sorria. Riso amarelo. E repetia.

Mas era só acabar e lá vinha a nova gritaria:

ERRADO!REPETE!QUE AGONIA!

E o menino agora, já não sorria. Nem lia. Inibia.

Tentava, forçava, se debatia, mas na hora do vamos ver, insistia:

-IVO VÊ A LUVA.

-ERRADO, SEU TONTO! É “I-VO VÊ A U-VA”.

Aí sim é que a estória começava.

Enquanto a professora corrigia, soletrava, dividia, o menino sonhava.

Que um dia ia ser goleiro e que no próximo aniversário ia juntar trocado por trocado, o que ganhasse do pai e da mãe, do avô e da bisavó, da tia Maricota e da prima-avó Carlota. Tudo, tudo num saquinho, ia correndo na esquina, na loja do Bola bolão, ficava na ponta do pé, qual não alcançava o balcão e agora ordenava, não mais mendigava, que lhe desse aquela luva, aquela mesma, pendurada no aramado.

Luva profissional.

“Agora vou ser o tal”.

Chega de dedo quebrado!

-LÊ MENINO!

E o menino acordava assustado e era obrigado a ler o que a professora queria mas...Qual o quê! Só conseguia ver aquilo que sentia.

-ERRADO MENINO! REPETE!

O menino estremecia, endurecia e balbuciava:

-A CASA DA BIA É UM LIXO.

E a professora berrava:

-ERRADO!ERRADO!ERRADO! “É A CASA DA BIA É UM LUXO”.

Mas o menino nem ouvia, divagava.

Aquela Bia exibidinha que sentava bem ao seu lado e esfregava na sua cara o relóginho que trocava pulseirinhas, a canetinha cheirosinha.

E milhões de outras riquezinhas,

Só podia ser uma fedidinha.

“É isso, bicho!” – o menino pensava – “ela só pode morar numa casa que seja um lixo”.

-LÊ MENINO!

E o menino pulava, se sacudia, acordava e lia:

-A PROFESSORA É BOBA.

-ERRADO!ERRADO! MENINO MAIS DESASTRADO! É “A PROFESSORA É BOA”.

A classe inteira ria, gargalhava.

A professora quase desmaiava, ameaçava.

O menino, chora não chora, chorava.

E era obrigado a escrever

Pra aprender

Pra não esquecer

Pra se... valer

365 vezes “A PROFESSORA É BOA”

A sorte do menino foi que a professora foi viajar e logo chegou outra moça pra tomar o seu lugar.

Mas... Destino ingrato!

“Por que sempre eu?”

Batata!

A moça logo o escolheu.

-Lê Galileu.

O menino estremeceu, mas nem tanto. Endureceu, mas nem tanto. E leu:

-Teco latiu, pulou e morreu.

O menino encarou. A moça sustentou e com olhar doce perguntou:

-Do que Teco morreu?

O menino não entendeu.

Será que tinha escutado?

Será que podia respirar aliviado?

E desatou a contar que seu cachorro Teco era levado, mal acostumado, mais do que amado, super comilão, um cachorrão, um pouco bravão, muito brincalhão, um amigo...

Um dia saiu apressado

Não ouviu o chamado...

Morreu atropelado.

O menino contou e chorou, chorou e desafogou. Foi um tal de ouvir estória de peixe morrido daqui e gato matado dali que, num instante a classe toda soluçava...E acalmava.

A moça olhou o menino. O menino olhou a moça e agora, desestremecido, desendurecido, releu:

-Tico latiu, pulou e mordeu.

A moça aplaudiu, rodopiou e falou:

-Valeu! Meu nome é Emília e quero saber quem gosta de ler o que tem nessa cartilha?

Ninguém respondeu. A classe emudeceu. Era um tal de um olhando no olho do outro assim, assim, sem saber se tinha que dizer não ou sim.

Passou só um minuto, ou três

E a moça começou a tirar de uma sacola xadrez,

De cada em cada,

Um monte de livro de estória, de bruxa e fada

E rei e rainha

E sereia e menininha

E futebol e bonequinha

E gigante e anão

E vampiro e dragão.

-Quem quer que eu leia a estória do menino-goleiro-campeão?

Adivinhem quem primeiro levantou a mão?

Lia Zatz

Dessa forma, acredito que quanto mais variados, interessantes e diversificados forem os textos apresentados às crianças, maiores serão as chances de se interessarem e se motivarem pela leitura e escrita, bem como trabalhar levando em conta a realidade da sala de aula, com conteúdos que sejam do interesse deles, diferentemente do método tradicional, onde se usavam as cartilhas, pois hoje se percebe que o processo de ensino baseado na silabação é desnecessário e lento, que não é preciso dominar o bê-á-bá, presente nas mesmas, para depois avançar no ensino da língua.

3.) O GRANDE DESPERTAR

“Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações. Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis” (Ítalo Calvino)

Como já mencionei não me recordo muito da minha alfabetização, mas a partir da 5ª série em diante minha memória volta como num passe de mágica.

Lembro-me das aulas de Língua Portuguesa e do professor Vítor, que era um excelente professor e que fez despertar em mim o gosto pela leitura. Sempre nos incentivava a ler, e o mesmo lia muito para nós e trabalhava o teatro em sala de aula com a maioria dos textos lidos. Isso me fazia esperar por suas aulas com muita expectativa, pois cada aula era mágica.

Meus pais nunca tiveram a oportunidade de comprar muitos livros, pois nossa condição financeira não permitia, mas sempre que possível, aparecia um gibi aqui, outro ali. Mas tarde meu pai fez assinatura de uma revista de livros, e comprou o livro de Jorge Amado “Mar Morto”, onde me delicieei com a leitura do mesmo, e o li mais de uma vez depois de adolescente, mantendo-o comigo até hoje. Até meu filho mais velho, fez a leitura desse livro de tanto que eu falava dele.

Lia muito também na biblioteca da escola onde havia vários clássicos infantis e que me chamava muito a atenção. Li também vários livros da coleção Vaga-lume e o que mais me chamou a atenção foi o Rapto do Menino de Ouro.

Hoje vejo a importância de motivar a leitura, de contar histórias, pois dessa forma estarei abrindo um leque de opções e fazendo com que a criatividade e a imaginação não só de meus alunos, mas também de meus filhos se aflorem.

Como não tive a felicidade de descobrir esse mundo maravilhoso da leitura cedo, hoje invisto muito em meus filhos. Desde quando estavam em meu ventre, contava histórias para eles, e continuo contando até hoje. Sempre compro livros e sempre os deixei muito a vontade para mexer em minhas coisas de leitura, tanto da escola como pessoal. Dessa forma, tenho a felicidade de ver que eles aprenderam a amar os livros desde muito cedo, pois os mesmos vivem com os livros nas mãos. Eles são apaixonados pelos livros do Harry Potter, tem todos os livros da coleção e vivem com esses livros para cima e para baixo.

Aprendi a trabalhar com diversos gêneros textuais em minha sala de aula e deixar que o livro didático não fosse à única opção de textos a serem trabalhados, e dessa forma pude perceber o interesse de meus alunos quando trazia textos desconhecidos e quando os incentivava a utilizarem estratégias de leitura. Ficavam entusiasmados quando verificavam que algum aluno tinha acertado o que a professora leu.

Sempre acreditei na leitura e com o passar dos anos (pois não tinha a visão que tenho hoje), aprendi a fazer dela algo sempre presente em minhas aulas.

Tanto na disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa quanto em Teoria Pedagógica e Produção em Geografia, nossa professora Micheli fazia da leitura de livros paradidáticos algo sempre presente em suas aulas. Ela fazia a leitura com tanto entusiasmo, que me motivava cada vez mais a fazer o mesmo com meus alunos. Os paradidáticos vêm para complementar o conteúdo que estamos trabalhando ou que pretendemos trabalhar, e é muito importante fazer uso de outros recursos que não sejam somente giz e quadro-negro para estar sempre motivando os alunos a aprenderem.

Li muitos livros por capítulo para meus alunos no decorrer dos anos, entre eles: “Os Miseráveis”, “A Bolsa Amarela”, “Tchau”, “Meu Amigo Pintor”, “Joana Banana”, “A casa da madrinha”, etc. Sempre faço a leitura no início da aula, é incrível e gratificante ver que a maioria dos alunos espera ansiosamente para ouvirem a história do ponto terminado e me dizem onde parei para continuar lendo. Muitos pegam o livro na biblioteca para acompanhar a leitura diária. Já houve casos de alunos que fizeram os pais adquirirem livros que eu já havia lido para lerem em casa com os mesmos.

Quando faço a leitura sempre ofereço informações complementares sobre o texto, o autor, o portador e o gênero textual lido. Uma vez comentei sobre o escritor Pedro Bandeira. Disse que o mesmo havia dado uma palestra para os professores de Hortolândia, e o mesmo era uma pessoa maravilhosa, bem humorada, e havia escrito vários livros infantis. Desse dia para cá, sempre queriam que eu fizesse leituras de textos escritos por ele.

Também incentivo os mesmos a lerem para a sala. Todos os dias, o ajudante (do dia) faz a leitura de algum gênero que queira ler para os colegas. Quando fazem produções de textos, lêem também para os colegas de outras salas. Depois as mesmas são afixadas no mural da sala para todos os alunos terem a oportunidade de estarem lendo. Desta forma a função social da escrita acontece.

Na escola onde eu leciono, há uma biblioteca muito rica em diversidades textuais, e os alunos ficam a vontade para escolher os livros para lerem, tanto em sala de aula quanto em casa. É impressionante ver que muitos alunos já adquiriram esse hábito de ler e são ótimos leitores. Isso eu posso comprovar nas ricas produções de textos feitas por esses alunos, pois quanto mais se lê, mais chances de escrever bem, pois a leitura fornece a matéria-prima para a escrita.

Nas palavras de Larrosa (1998), “ler e escrever é colocar-se em movimento, é sair sempre para além de si mesmo, é manter sempre aberta a interrogação acerca do que se é. Na leitura e na escrita, o eu não deixa de se fazer, de se desfazer e de se refazer” (p.51). Nesse sentido, a leitura é uma atividade que pode participar da formação do sujeito, uma vez que lhe possibilita repensar e ampliar constantemente suas visões de mundo, modificando sua forma de agir sobre a realidade. (Apud, LEITE, 2001, págs. 133 e 134).

Segundo Leite (2001), o desafio que se coloca para a escola, é possibilitar ao aluno ampliar as possibilidades dos usos lingüísticos da escrita, habilitando-os nos diferentes usos da linguagem escrita e oral, numa perspectiva crítica, ou seja, formar o leitor e o produtor de textos tendo em vista o aprimoramento do exercício da cidadania.

Em sala há o baú da leitura, onde há livros de histórias trazidas pelos alunos no início do ano letivo. Há também reportagens, notícias, receitas, piadas, histórias em quadrinhos que eles amam, enfim, uma série de oportunidades de leituras onde os mesmos ficam a vontade para ler quando acabam de realizar alguma atividade.

Na escola onde leciono temos o “Projeto Leitura”, onde nós professoras escolhemos um gênero de leitura para trabalhar e todas as sextas-feiras há um rodízio para contar-mos histórias uma na sala da outra. Muitas de nós utilizamos figurinos adequados em relação ao gênero escolhido para que a história fique mais interessante e motivadora. Os alunos esperam com muita expectativa pela sexta-feira e isso era muito gratificante.

Procuro oferecer aos meus alunos o que eu não tive na minha alfabetização e isso me faz muito bem, pois ajudá-los a descobrir esse mundo da leitura é muito divertido e enriquecedor.

4.) PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Formei-me no Magistério no ano de 1996, mas infelizmente o curso não me deu muita base para dar aula, até pensava que não iria seguir a carreira. Estudei no “Culto a Ciência” e o que tinha eram as “teorias” e muitas delas ainda muito vagas, não as compreendia direito, sendo assim, não sabia o que fazer com elas. Nos estágios obrigatórios que fazia, ficava a maior parte do tempo sentada no fundo da sala de aula anotando o que a professora falava. Não era possível conversar com os alunos, pois a orientação sempre recebida era que os mesmos não iriam prestar atenção às aulas caso isso acontecesse. Para isso nem precisava conversar, pois os alunos não prestavam atenção na maioria das coisas que as professoras falavam. Ficavam a maior parte das aulas dispersos, até pareciam estar em outro planeta.

Em todos os anos de estágio nunca presenciei uma professora da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental fazer uma leitura de história para a sala de aula, diferentemente das professoras de Educação Infantil, pois essas tinham a leitura como algo essencial nas aulas.

No início do ano de 1997 consegui uma licença gestante e achei que estava preparada para dar aula. Lembro-me com carinho de cada rostinho a minha espera, e a partir deste dia me dei conta da responsabilidade que tinha em minhas mãos.

Com essa turma, não tive a oportunidade de fazer da leitura algo sempre presente. A escola onde trabalhei era muito tradicional. Eu muito inexperiente e isso fez com que não me doasse muito para meus alunos, nesse sentido da leitura presente todo o dia em sala de aula. Eram duas terceiras séries. Lecionávamos por área: eu dava aulas de Português, História e Educação Artística. Minha colega de sala, as outras disciplinas.

Pela falta de experiência acabei por reforçar o ensino tradicional no qual fui alfabetizada. Trabalhava muito com textos que não eram significativos para os alunos e usava muito o livro didático em sala de aula. Como nos diz Faria (2002, pág. 77), o livro didático não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante e a ideologia dominante também não é desligada da realidade, ela também tem um papel e o cumpre. O que ocorre é que a ideologia dominante considera a produção intelectual autônoma e desconhece a base material como instância determinante. Então expressa através de valores universais os interesses da burguesia e

justifica a conservação das relações de produção existentes. Isto não é estar desligado da realidade, pelo contrário, através deste mecanismo, o livro didático serve à manutenção dos interesses da classe dominante ignorando os interesses da classe operária.

Hoje sei que o ensino tem que ser planejado a partir do que o aluno já sabe sobre o objeto em questão, pois isso aumenta as possibilidades de se desenvolver uma aprendizagem significativa.

Mas dentro de mim algo nunca estava bem, por esse motivo, procurava sempre conversar com meus alunos sobre suas vidas, contando também sobre a minha. Inconscientemente já acreditava na afetividade que deva existir entre professor/aluno, mas ainda não dava conta disso. Me preocupava muito com aqueles que “não aprendiam”, levando-os a serem encaminhados ao reforço.

Hoje, vejo o quanto deveria ter feito mais por eles. De acordo com Faria (2002, pág.90):

“O professor deve partir do aluno, conhecer e socializar suas experiências de vida, para adequar os novos conhecimentos que serão ensinados aos seus interesses e ao seu nível de compreensão, garantindo desta forma que ele avance, cresça, comparado ao nível que entrou na escola”.

Mesmo assim, hoje muitos alunos desta sala me encontram pela rua e vem me abraçar e contar de suas vidas, o que me deixa um pouco mais recompensada.

No ano de 1988 fui contratada pela Prefeitura Municipal de Hortolândia, onde trabalhei naquele ano com uma 2ª série, o que me possibilitou uma reflexão maior sobre o meu trabalho. Preocupava-me mais, buscava uma maior compreensão a respeito das fases de desenvolvimento das crianças para poder auxiliá-los melhor, fazia leituras a respeito do construtivismo, pois o que havia visto no magistério era muito vago e não me dava suporte e nem segurança para mudar de concepção. Mas apesar de me preocupar com o aprendizado dos meus alunos, foi mais um ano que me faltava algo. Isso me preocupava, pois não tinha condições financeiras para começar à tão sonhada faculdade de Pedagogia.

No ano de 1999 houve o concurso para efetivação de professores no meu Município e consegui ser efetivada. Nesse ano as aulas começaram em Março em consequência da demora do concurso.

Comecei a trabalhar no CAIC do Jardim Amanda. Trabalhei o ano todo com uma 3ª série. Era uma sala de aula muito numerosa. Tinha que me desdobrar e graças a

Deus, mesmo assim foi um ano que consegui desenvolver um trabalho melhor com meus alunos.

Procurava saber mais sobre suas vidas e o meu envolvimento com os alunos era bem maior que nos anos anteriores, procurava enxergar cada aluno como ser “único”, respeitando o limite de cada um. Preocupava-me com aqueles que me davam um pouco mais de trabalho, pois sabia que eram eles que mais precisavam do meu apoio e confiança.

De acordo com Leite e Tassoni (2002, p.128), procurava manter um vínculo afetivo com meus alunos através do elogio aos trabalhos realizados, ressaltando a capacidade de cada um e reconhecendo os esforços dos mesmos.

Segundo Leite e Tassoni (2002, p. 136):

“ Pode-se afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afeta a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.”

Chamava os pais para conversar, pois sempre acreditei que escola e família devem sempre caminhar juntos, para que um melhor trabalho seja feito. Sempre pude contar com o apoio dos pais de meus alunos e fico muito agradecida a todos.

Foi um ano muito gratificante, graças ao trabalho coletivo entre nós professores das terceiras séries. Sempre fazíamos o planejamento juntas, trocávamos experiências de sala de aula, até nos reuníamos alguns finais de semana, para verificação do que já havia sido trabalhado e sobre o que deu certo ou não. No final do ano houve a possibilidade de escolher sala próxima a minha casa e acabei mudando de sede. Mas o carinho dos meus alunos levo comigo até hoje em minha memória. Sempre me lembrarei de vocês...

Mas um ano se inicia (2000) e com ele a preocupação da Secretaria de Educação do Município de Hortolândia em capacitar seus professores para que a rede em si trabalhasse com uma concepção de educação. Começou a ser oferecido aos professores da rede municipal de Hortolândia o PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores), o que facilitou e despertou em mim a vontade de estar aprendendo e acima de tudo colocando em prática o que aprendia. Freire (1996, p.43/44) menciona que “... na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da

reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Foi muito gratificante esse curso, pois pude repensar minha prática e minha postura perante meus alunos e compreender que em uma pedagogia construtivista não se pode deixar os alunos à vontade para fazer do “seu jeito”. Deve sim haver intervenções do professor quando o aluno comete erros para tentar supera-los, pois o erro é algo inerente ao processo de aprendizagem. Assim, a atividade construtivista, física ou mental, permite interpretar a realidade e construir significados, ao mesmo tempo em que permite construir novas possibilidades de ação e de conhecimento.

Esse curso oferecido pela Secretaria de Educação teve a duração inicial de dois anos e, foi muito valido, pois despertou ainda mais em mim a vontade de adquirir mais e mais conhecimentos e fez com que parasse muitas vezes para refletir sobre minha pratica docente.

Hoje ele ainda é oferecido às novas professoras da rede.

Também tive a oportunidade de fazer parte durante dois anos do “Projeto Brinquedoteca”, oferecido pela rede no período oposto as aulas. Esse projeto tinha como objetivo principal resgatar brincadeiras antigas, confecção de brinquedos do interesse do aluno, enfim, resgatar o lúdico tão esquecido dentro do Ensino Fundamental. Esse projeto foi muito enriquecedor, pois os alunos demonstravam muito interesse e participavam ativamente das atividades que juntos planejávamos e o que é mais importante: aprendiam enquanto brincavam.

5.) DIFERENTES LINGUAGENS EM SALA DE AULA

“Dizem que mais difícil do que adquirir novos conhecimentos é conseguir desprender-se dos velhos. Abandonar uma idéia supõe renunciar a uma parte de nosso pensamento – daquele que consideramos verdade durante muito tempo – e deixar-se fascinar pelo insólito. É nesta capacidade de fascinação que reside o gérmen do progresso.”

(MORENO *et al*, 1999, *apud* ARAÚJO, 2003, *pág.5*)

Para proporcionar aos meus alunos uma aprendizagem significativa e prazerosa, procuro trabalhar com diferentes linguagens em sala de aula.

Adoro levar para a sala de aula diferentes tipos de música para trabalhar com os alunos. No início eles não estavam acostumados a ouvirem música clássica. Ficavam incomodados, pois o que vivenciavam não era exatamente aquilo. Mas não desanimava, insistia e eles acabaram gostando tanto, que hoje em dia se faz necessário ouvi-la quase que diariamente.

Trabalho músicas que fazem parte do cotidiano dos alunos, levando-os a refletirem sobre o conteúdo das mesmas.

Adoro (e meus alunos ainda mais) trabalhar com relaxamento. Posso perceber claramente que os mesmos ficam mais calmos e a aula naquele dia se transforma em algo mais prazeroso.

Antes do PROESF, as atividades artísticas que eu proporcionava a meus alunos eram simplesmente desenhos livres e pintura com guache, as aulas eram realizadas uma única vez por semana e somente em sala de aula.

Com a visão que tenho hoje das aulas de artes já não consigo mais fazer isso. Não trabalho arte uma única vez por semana, mas quase que diariamente, pois a maioria das coisas que trabalho em sala de aula está relacionada direta ou indiretamente com artes, e não fico somente em sala de aula, procuro ocupar o espaço físico da escola: quadra, pátio, embaixo das árvores.

Trabalho com música, dança, jogos, fotografia, teatro, expressão corporal, e sei que dessa forma estou trabalhando com artes. Não é necessário separar as aulas de artes das demais, ela está embutida dentro das outras disciplinas, assim como as demais também estão entrelaçadas. Hoje sei da importância de se trabalhar com a interdisciplinaridade.

Proporciono momentos de liberdade para meus alunos criarem e eles se sentem realizados com o resultado de seus trabalhos. A grande maioria dos trabalhos realizados é exposto na escola. Assim, mais que valorizar é acreditar na capacidade de criação e potencial de cada aluno.

De acordo com o PCN de Artes (págs.20 e 21):

“O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é possível mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes, que buscam o sentido da vida.”

Não devo privar meus alunos a esses conhecimentos, pois deles dependem o seu desenvolvimento.

Adoro e meus alunos ainda mais quando fazemos experiências em sala de aula para complementar ou iniciar um novo trabalho. Uma dessas experiências ficou muito marcada. Estávamos trabalhando um projeto sobre Meio Ambiente e falávamos sobre o tempo que alguns materiais demoravam a se decompor. Para uma maior compreensão separamos quatro tipos de matérias: embalagem plástica, isopor, folhas de beterraba e uma maçã. O inspetor de alunos fez quatro buracos na horta e os alunos enterraram cada material em um buraco. Os mesmos foram fechados e só voltamos depois de um mês para desenterrar. Nesse decorrer de mês os alunos faziam suposições a respeito do que achavam que iria ocorrer. Quando os buracos foram abertos e viram que já não existiam mais as folhas e a maçã, mas que o isopor e a embalagem plástica estavam ali, intactos ficaram admirados e surpresos, pois muitos acreditavam que esses dois materiais iam sofrer alguma decomposição.

Essa simples experiência acabou gerando uma campanha dentro da escola de conscientização sobre a importância da reciclagem, sobre os cuidados que se devem ter com o lixo, que não se devem jogá-los em qualquer lugar. Foi muito válido, pois vivenciar uma coisa que só ouvimos falar na teoria torna a aprendizagem mais significativa.

6.) FACULDADE: O SONHO QUE SE TORNA REALIDADE

O ano de 2002 foi um ano muito difícil em minha vida e na vida de todos os meus familiares. Perdi meu querido e amado pai, vítima de um assalto em Março. Isso me deixou muito abalada e quase não conseguia lecionar direito. Fico muito grata em primeiro lugar a Deus que me deu forças, a minha família, especialmente meu marido que esteve comigo em todos os minutos daquele triste dia e a todos na minha escola, pela compreensão e ajuda recebida, especialmente dos pais e alunos que eram sempre muito carinhosos comigo.

Em função disso, não tinha cabeça para me concentrar e estudar para realizar a prova do processo seletivo, mas também acredito que Deus tenha planos na nossa vida, e que não era ainda o momento para a tão sonhada faculdade.

No ano seguinte, mas reanimada prestei a prova e quase nem acreditei quando pude comprovar meu nome na lista dos aprovados.

Não foi fácil conciliar trabalho em casa, aulas, faculdade, filhos e marido. O curso exige muitas leituras e tinha que dar conta de tudo. Pude contar com a ajuda de meu marido e meus filhos nos afazeres domésticos e dessa forma graças a Deus e a eles conseguia fazer o que havia para ser feito.

O curso PROESF -Programa Especial de Formação de Professores em Exercício- veio de encontro para suprir os meus anseios e desejos de conhecer mais sobre a educação no nosso país. As leituras sempre me fizeram refletir sobre minha prática docente. Algumas disciplinas abordavam conhecimentos que eu já aplicava em sala de aula e serviu para reforçar ainda mais esses conhecimentos.

O que ficou muito marcado nesse curso foi à experiência que podíamos trocar entre nós professores. Apreendi muito com minhas colegas de sala e com a paciência e carinho dos assistentes pedagógicos que passaram por nós no decorrer do curso. Isso fez a grande diferença nesse curso e por esse motivo foi muito significativo para mim.

Em uma das primeiras aulas de Multiculturalismo e Diversidade Cultural com a professora Luciana Teston, um trecho de um texto² ficou muito marcado em minha memória e me fez refletir muito sobre a mudança de olhar que sempre devemos ter em relação ao mundo que se transforma constantemente a nossa volta e não devemos ficar

² Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. TRINDADE, Azoilda Loretto da.

indiferentes a ele, bem como rever a postura de educadores na prática cotidiana, pois vivemos em uma sociedade estereotipada, que define padrões idealizados não considerado assim as diferenças. A partir deste texto comecei a praticar muito mais a alteridade em sala de aula me colocando no lugar dos alunos e prestando mais atenção àquelas crianças que são tímidas e quase não conversam, bem como aquelas que têm problema de comportamento mais agressivo. Vamos ao trecho do texto:

“... a gente olha, mas não vê, a gente vê, mas não percebe, a gente percebe mas não sente, a gente sente, mas não ama e, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, a gente não educa para a morte das infinitas possibilidades. A gente educa (se é que se pode dizer assim) para uma morte em vida: a invisibilidade”. (TRINDADE, 2000, pág.9).

Acredito que todos os educadores deveriam ter a oportunidade de lê-lo e refletir sobre o mesmo, pois assim, muitas dessas crianças que passam “despercebidas” pelos educadores teriam a oportunidade de serem “enxergadas” como cidadãos que são e que têm direitos, bem como necessitam do apoio e compreensão de seus professores.

Segundo Trindade (2000, p.12), o olhar do(a) professor(a) é fundamental para o crescimento do(a) aluno(a), e ele não pode ser falso, porque implica outras sensibilidades; o(a) outro(a) sente, percebe, é influenciado por nós. É necessário deixar claro que qualquer aprendiz deve ser estimulado, incentivado, encorajado; afinal, aprender é aproximar-se do novo, do desconhecido, e é muito importante nesse caminho ter alguém em quem confiar, alguém quem nos diga: “vai/vá”; alguém que nos diga: “vem”; ou alguém que seja capaz de dizer: “vamos”.

Faz-se necessário que ao olharmos para nossos alunos, sejamos capazes de nos fascinar com a vida dos mesmos e perceber as múltiplas possibilidades que ela nos apresenta.

As aulas Magnas foram de extrema importância durante o curso, pois era o momento em que tínhamos a oportunidade de ouvir o que os responsáveis pelas disciplinas tinham a nos dizer e dialogar com os mesmos, colocar nossas angústias e expectativas referentes ao que estávamos estudando, trocar experiências, bem como complementar as aulas que os assistentes pedagógicos ministravam, fazendo assim toda a diferença, enriquecendo ainda mais a formação.

7.) APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – Valorizando os conhecimentos prévios

“ Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia da Educação a um único princípio, eu formularia este: de todos os fatores que influenciam a aprendizagem, o mais importante consiste no que o aluno já sabe. Investigue-se isso e ensine-se ao aluno de uma forma conseqüente”.(AUSUBEL,196, pág.59, Apud RONCA).

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio (fator importantíssimo a ser considerado). Ao contrário ela se tornará mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

É muito importante que os professores percebam e valorizem esses conhecimentos prévios, não apenas porque são os que eles utilizam para aprender, mas porque deles dependem as relações que são possíveis estabelecerem para atribuir significado à nova informação proposta.

Acredito que para uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessária a disponibilidade para o envolvimento do aluno na aprendizagem, o empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo, em si, a estrutura cognitiva existente, e o aluno precisa tomar para si a necessidade e a vontade de aprender.

Devemos enxergar nossos alunos como parte principal do processo ensino-aprendizagem e fazê-lo protagonista em sala de aula, propiciando momentos agradáveis que o estimulem para prender a sua atenção. Cada aluno é sujeito de seu processo de aprendizagem, enquanto nós professores somos mediadores na interação dos alunos com os objetos de conhecimento.

De acordo com Ausubel (1968, pág.59), a quantidade, a clareza e a organização do conhecimento presente no aprendiz é a principal variável a ser considerada por professores e educadores, durante o processo ensino-aprendizagem.

Wallon (1975) nos diz, que é a partir da sua própria experiência, das repetições, das diferenças que se apresentam, que a criança se torna capaz de distinguir e reconhecer o que está de acordo ou não com as suas expectativas e necessidades, o que

conseqüentemente a levam ao aprendizado. E isso se dá, através de uma análise bem conduzida das atividades escolares e dos seus resultados. Por isso, a formação dos professores não pode se limitar aos livros, mas às experiências pedagógicas, que devem ser pensadas, refletidas e analisadas, provocando ações onde se evidencie e se realizem as novas conquistas do conhecimento.

A aprendizagem significativa acontece mais facilmente quando as situações colocadas aos alunos são percebidas como problemáticas. Devemos proporcionar desafios para os alunos, pois não se desafia à inteligência do aluno com a repetição do que ele já sabe, mas ao contrário o aluno se sente mais motivado a aprender a cada novo desafio proposto, desafio este desconhecido, que dá prazer a cada nova conquista.

A aprendizagem pode ser facilitada quando o professor tem uma consciência plena das atitudes que assume, sentindo-se receptivo perante seus sentimentos reais, tornando-se uma pessoa real na relação com seus alunos.

É possível fazer com que ocorra a aprendizagem significativa se o professor for capaz de aceitar o aluno tal como ele é, compreendendo os sentimentos que este manifesta, pois a aprendizagem autêntica é baseada na aceitação incondicional do outro. É por meio de atos que se adquirem aprendizagens mais significativas.

Assistimos ao filme “Mr. Holland, adorável professor” em duas disciplinas durante o curso, e esse professor no início de sua carreira não conseguia fazer com que seus alunos se interessassem pelas suas aulas, o que o deixava muito incomodado e frustrado. Isso fez com que ele tivesse uma mudança de atitude em relação ao ensinar. A música era sua vida e ele queria que fosse parte da vida de seus alunos também. Com isso, começou a reparar melhor em sua volta e enxergar seus alunos com outro olhar. Interessou-se em saber sobre o que eles gostavam, e passou a trabalhar muito com a auto-estima dos mesmos, o que facilitou muito seu trabalho. Começou a acreditar mais em si e principalmente em seus alunos.

Usou de todos os meios para ensinar, mesmo muitas vezes sendo pressionado a fazer o contrário pelos seus superiores. Fazia uso do diálogo para solucionar os problemas.

A partir do momento em que mudou sua maneira de ensinar e criou oportunidades para que os alunos entrassem em contato com as mais variadas formas de música, verificou que seus alunos passaram a se interessar mais pelas suas aulas, pois as mesmas agora eram cheias de significados para os mesmos. Isso o deixava orgulhosíssimo de ensinar.

Fazia com que os alunos com mais dificuldades aprendessem através do desenvolvimento de atitudes de autoconfiança, e tinha um posicionamento pessoal em relação a eles sempre os incentivando a fazerem o melhor.

O filme fez com eu refletisse muito sobre minha prática docente, pois mostra claramente que ser professor não é só passar os conteúdos que devem ser passados, mas vai muito, além disso, ser professor é ter a sensibilidade para enxergar o que os alunos querem realmente aprender, motivando-os e incentivando-os para que isso ocorra, levando em consideração a realidade dos mesmos. É ser criativo em suas atividades, fazendo com que as mesmas tenham significado para os alunos, pois os mesmos aprendem muito mais quando isso ocorre. Devemos proporcionar momentos de liberdade para nossos alunos criarem e aprenderem, como fez o professor do filme.

O prazer pelo aprender não é uma atividade que nasce espontaneamente nos alunos, pois, muitas vezes, não é uma tarefa que cumprem com prazer. Para que este hábito possa ser melhor cultivado, é necessário que nós professores consigamos despertar a curiosidade de nossos alunos como fez o professor do filme e acompanhar suas ações na solução das tarefas que propusermos, pois o não acompanhamento poderá fazer os alunos se sentirem inseguros na realização da atividade proposta, por julgarem-se cobrados a um desempenho para o qual não foram preparados; e, o fornecer as respostas prontas, não permitindo que o aluno problematize e descubra a resposta correta, acomoda-o e prejudica sua autonomia.

Hoje sei que devo propor aos meus alunos, atividades que façam parte do mundo lúdico dos mesmos e que colabore para a formação de uma identidade autêntica, respaldada em valores éticos necessários ao cidadão consciente do seu papel na construção da sua história e da história do outro. Sendo assim, estarei possibilitando aos meus alunos o resgate de sua história de vida, tendo como fator primordial elevar sua auto-estima, possibilitando assim que ele se identifique como sujeito da história.

É um desafio fazer com que essa aprendizagem aconteça, pois na maioria das vezes a situação real da sala de aula é muito difícil. Salas superlotadas, alunos indisciplinados, falta de recursos pedagógicos, professores mal remunerados e inexperiência e despreparo de muitos deles, falta de apoio da equipe gestora. Nós educadores temos o desafio de proporcionar essa aprendizagem a nossos alunos, mesmo não sendo fácil. Temos que ter consciência e tentar mudar este triste cenário e fazer com que nossos alunos sintam prazer em estar na escola. Como nos diz Paulo Freire (1996, p.96)

“... o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.”

Cabe ao corpo docente, juntamente com a equipe pedagógica da escola mudar o seu planejamento, visando à melhora e qualidade do ensino, bem como, estar sempre preocupados com o grau de importância dos conteúdos de cada disciplina, que deverão ser ensinados aos alunos. Mas, infelizmente o que ainda acontece dentro da grande maioria das escolas não é isso. Na maioria das vezes, o planejamento é visto como o cumprimento de uma exigência burocrática de diretores e supervisores de ensino e muitos dos professores acabam reclamando do tempo que perdem elaborando um plano de trabalho, que muitas das vezes nem chegam a consultá-lo ao longo do ano letivo. Sem falar dos professores, que acabam dando suas aulas de improviso e aqueles que seguem piamente o livro didático, sem fazer nenhuma mudança no seu conteúdo porque é mais fácil e prático.

Infelizmente tinha essa visão no início da minha carreira. Não via o planejamento como algo fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Hoje percebo o quanto estava errada, e o quanto ele poderia ter me ajudado se fosse realmente feito como deveria ser.

Acredito que o planejamento deva ser feito levando-se em conta que tipo de aluno que a escola pretende formar, bem como a realidade social desses alunos. Ele deve estar voltado para a heterogeneidade, não, para a homogeneidade. Dessa forma o planejamento será um instrumento de fato; um meio de organizar o trabalho e contribuir para o aprendizado dos alunos.

Dessa forma é necessário que no início do ano, professores e coordenadores discutam os objetivos que pretendem alcançar. Um planejamento discutido e decidido coletivamente, permite conhecer as ações desenvolvidas pelos diferentes professores e o mesmo irá orientar o trabalho durante o ano letivo. Assim, ele não pode ser rígido, nem ser uma programação fechada, ele deve ser flexível para o professor ter o direito de alterá-lo, conforme as necessidades da turma.

Enxergando o planejamento como algo importante e feito com discernimento, estaremos propiciando novas oportunidades de aprendizagens aos nossos alunos.

Também é necessário que se valha de alguns recursos para enriquecer nossas aulas. Quando a escola possui recursos como vídeos, computadores, retro-projetores,

microscópio, máquina de xérox, o trabalho pedagógico fica mais rico, se o professor também souber utilizá-lo, é claro, pois não adiantam termos todos esses recursos e utilizá-los de maneira incoerente.

Na escola onde eu trabalho existem esses recursos que são muito utilizados por nós professoras e nos ajuda muito, principalmente o computador que foi comprado especialmente para os professores fazerem uso do mesmo para a melhoria e qualidade de nossas aulas. Agora, se a escola não os possui, cabe a cada professor usar de sua criatividade para enriquecer sua aula, tendo sempre como objetivo a qualidade de ensino para seus alunos e, começar a cobrar da equipe gestora melhores condições de trabalho, pois os alunos não são só de nossa responsabilidade , mas sim da escola em geral.

7.1) A ESCOLA

Escola é...
O lugar onde se faz amigos,
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
Gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um
Se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
Nada de conviver com pessoas e depois descobrir
Que não tem amizade a ninguém,
Nada de ser como o tijolo que forma a parede,
Indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade,
É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!
Ora, é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil
Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos educar-se,
Ser feliz.

(FREIRE, Paulo. Nova Escola – A revista do professor – Junho/Julho de 2003 –
pag.66)

Vejo a escola como uma orquestra. Cada professor deve trabalhar em harmonia com os colegas, senão o grupo desafina. O planejamento de cada um deve ser coerente com a proposta pedagógica geral, e o mesmo deve ser discutido constantemente nas reuniões pedagógicas semanais.

Tenho a felicidade de trabalhar em uma escola preocupada com o ensino dos alunos, bem como ter um grupo de professores, diretor e coordenador integrados uns com os outros, abertos ao diálogo onde os saberes e conhecimentos são compartilhados entre nós. Não que não existam pontos divergentes entre os mesmos, estes sempre existiram e sempre irão existir, pois cada um de nós temos nossas crenças e valores de vida. Temos também aqueles que falam muito em democracia, mas só eles querem falar e suas verdades são tidas como absolutas. Mas, mesmo assim sempre estamos dispostos a ouvir o que o outro tem a dizer e assim trocamos experiências singulares, únicas, damos opiniões e participamos coletivamente do planejamento. Isso faz a diferença e possibilita em resultados positivos para nós e especialmente para nossos alunos.

Sei que a escola não se restringe somente aos professores, alunos e equipe gestora. Os funcionários também devem ser respeitados por nós e pelos alunos, pois eles fazem parte do “corpo” da escola e devem ser valorizados nas funções que desempenham. Quando trabalho com projeto referente a profissões, me reporto sobre a importância de todas as profissões. Não existe aquela que seja melhor que a do outro, pois todas têm sua especificidade. Isso possibilita uma reflexão maior por parte dos alunos e fazem com que os mesmos valorizem cada vez mais os profissionais da escola.

Os pais merecem toda a nossa atenção e tem o direito de acompanhar a vida dos filhos dentro da escola, por esse fato, não devemos vê-los como “intrusos”, que querem nos vigiar, mais sim, como aliados no processo de construção de conhecimento de seus filhos. Falo isso, pois ainda hoje presencio professoras falando dos pais que vão até a escola saber o que está acontecendo com os filhos. Muitas delas não gostam e acham que os mesmos estão se intrometendo no trabalho somente por querer saber o que está sendo dado e qual a metodologia utilizada pelas mesmas. Por este fato, faz-se necessário que se mude essa visão em relação aos pais, devemos sempre respeitar para sermos respeitados pelos mesmos.

Como já me referi anteriormente só tenho a agradecer aos pais de meus alunos, pois sempre contei com o apoio dos mesmos e sei que sozinha o meu trabalho seria em vão.

7.2) AFETIVIDADE – Fator Primordial dentro de uma Aprendizagem Significativa

“ As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente.” (ALMEIDA, 1999, p.107, Apud AZZI e SADALLA, 2002, pág.127)

Acredito que a afetividade não se restrinja somente ao contato físico, pois de acordo com Dantas (1993), conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade. *“As manifestações epidérmicas da “afetividade da lambida” se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade”.* (Apud LEITE e TASSONI, 2002, pág. 75).

Jean Piaget (1896-1980) foi um dos primeiros autores que questionou as teorias que tratavam à afetividade e a cognição como aspectos funcionais separados. O autor advertiu sobre o fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. Ele postulou que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado por estruturas mentais e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. (Apud ARANTES, pág.162)

De acordo com Piaget, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando ele discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao self (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objetivo novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno). Dessa forma para Piaget, o papel da afetividade é funcional na inteligência, ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. (Apud ARANTES, pág.162).

Os valores também são incorporados na relação entre a afetividade e a cognição. Segundo Piaget, eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Dessa forma eles surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito.

Vygotsky (1996) nos mostra claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico: “A forma de pensar, que

junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantém uma certa relação com nossos pensamentos.” (Apud, ARANTES, pág. 163).

A linguagem (produto e expressão da cultura) configura-se na teoria de Vygotsky, como lugar de constituição e expressão dos modos de vida culturalmente elaborados. Dessa forma, a linguagem forneceria os conceitos e as formas de organização do real. Em suma, “um modo de compreender o mundo, se compreender diante e a partir dele e de se relacionar com ele” (OLIVEIRA, Ivone M., 2000 –Apud ARANTES, pág.163).

Wallon (1968, 1971, 1978) também apresenta uma teoria psicológica sobre o desenvolvimento humano, centrado na idéia de existência de quatro grandes núcleos funcionais determinantes desse processo: a afetividade, o conhecimento, o ato motor e a pessoa. A afetividade é situada como um conceito mais amplo, envolvendo vivências e formas de expressão humanas mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação dos sistemas simbólicos culturais pelo indivíduo, que vão possibilitar sua representação, mas tendo sempre como origem as emoções. (Apud LEITE e TASSONI,2002).

Hoje tenho uma nova visão sobre afetividade, pois no início da carreira docente achava que a afetividade estava ligada somente aos elogios e ao contato físico, mas no decorrer do Curso pude compreender que a afetividade está ligada a todas as etapas de trabalho, desde o planejamento até a execução do que foi planejado. De acordo com Tassoni (apud LEITE, 2001,pág.227) a intervenção pedagógica que se processa a partir da interação professor-aluno não só promove a construção do conhecimento como vai marcando afetivamente o objeto a ser conhecido.

È, pois, a qualidade dessa mediação que imprime uma carga afetiva, positiva ou negativa, na relação do sujeito com o objeto de conhecimento. Desse modo, os aspectos afetivos participam de igual maneira, e em conjunto com os cognitivos, do processo de aprendizagem. Por esse fato, é que me preocupo tanto em fazer o melhor para meus alunos, pois o que está em jogo é a aprendizagem dos mesmos e ele deve ocorrer da melhor maneira possível, e sem vínculos afetivos, a aprendizagem significativa não ocorre.

Acredito que se devam criar vínculos com os alunos e prestar muita atenção a postura que assumimos em sala de aula, pois ela interfere e muito no desempenho das crianças e é por meio de vínculos criados com cada aluno que a aprendizagem acontece.

Devemos sempre considerar que o aluno seja capaz de desenvolver as atividades propostas, dessa forma a aprendizagem fica mais estimulante, e não se devem comparar os alunos (cada um tem o seu jeito único de ser), pois dessa forma estaremos fazendo com que o interesse pelo conhecimento se perca.

Acredito que a afetividade exista, quando nós consideramos os alunos como únicos e o levamos a construir suas próprias relações com o mundo.

Dar carinho é apenas o começo, pois se você mostra que se importa com os alunos, você estará criando vínculos de amizade para sempre. Cunha (2001) vem nos dizer que conforme o tom com que fala, o olhar que lança, o gesto que esboça, a fala (do professor) adquire um valor determinado para o conjunto de alunos e, certamente, uma ressonância particular para alguns deles.

Procurro em minhas aulas valorizar as capacidades e os gostos de cada um e fazer com que se sintam acolhidos em sala de aula, deixando-os a vontade para fazer uso do direito de se expressarem, pois é muito importante falarem sobre o que estão sentindo. Mas não é fácil falar sobre os sentimentos, principalmente com crianças que são muito agressivas ou muito tímidas. É necessário que se tenha muita paciência, principalmente vontade de ajudar e fazer com que os alunos sintam isso. Demonstrar confiança, carinho e atenção ajudam muito. De acordo com Cury (2003, pág.97) *“por trás de cada jovem arredio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto”*.

Procurro promover debates para que os alunos aprendam a expor suas opiniões e aceitar a opinião dos outros. Gosto muito de trabalhar com jogos e dinâmicas sobre sentimentos, pois os alunos ficam ainda mais motivados e se relacionam melhor com o grupo.

Acredito que uma das funções do professor consiste no desenvolvimento de uma relação pessoal com seus alunos e estabelecimento de um clima de harmonia nas aulas, dessa forma o professor é um facilitador da aprendizagem significativa, fazendo parte do grupo e não estando colocado acima dele.

Saber ouvir, valorizar e acreditar em cada aluno é essencial para o sucesso da aprendizagem. Por isso, não devemos praticar pré-conceitos em relação aos alunos, principalmente no início do ano, pois é muito comum professores trocarem opiniões

sobre determinados alunos (aqueles que têm problema de comportamentos, aprendizagem). Dessa forma o professor já rotula o aluno antes de conhecê-lo, sendo assim muito difícil tirar esse rótulo durante o ano, pois o professor coloca uma barreira entre ele e o aluno não deixando que o mesmo se aproxime e também não querendo enxergá-lo do jeito que realmente é.

A nossa assistente pedagógica Liliana, falava muito sobre alteridade em suas aulas de Psicologia e Filosofia e isso ficou muito marcado. Hoje trabalho a alteridade sempre me colocando no lugar de meus alunos, quando estou planejando as aulas do dia. Dessa forma estou sempre me cobrando mais e mais, pois não gostaria de ter uma aula maçante e cansativa. Gostaria sim, de uma aula cheia de significados e prazerosa onde eu pudesse me relacionar com meus colegas de classe e com o professor.

A alteridade também está presente no decorrer das aulas. Sempre quando acontece algo que não deveria acontecer, principalmente se algum aluno faz algo que machuque um colega, por meio de piadinhas, apelidos, procuro me dirigir a ele e conversar com calma, dizendo se ele iria gostar que o colega fizesse o mesmo com ele. Converso muito com os alunos que gostam de colocar apelidos nos colegas e conto minha experiência a eles de quando estava na escola e alguns alunos me chamavam de “pintadinha” e de como isso me deixava mal. Nem conseguia olhar nos olhos das pessoas, pois pensava que iriam rir de mim. Isso me acompanhou durante muitos anos da minha vida. Detestava aquelas “sardinhas” em meu rosto e quando casei e fiquei grávida pedia a Deus que meu filho não nascesse com aquilo.

Quando falamos de nós para os alunos abrimos uma porta para que os mesmos se aproximem e eles podem ver que a professora é gente como eles: tem sentimento, não é alguém alheio às coisas que acontecem.

É extremamente importante dar aos alunos a oportunidade de se colocarem no lugar do outro e achar soluções alternativas para seus conflitos. Na maioria das vezes isso funciona e alguns alunos mais “conscientes” nem esperam eu conversar, eles mesmos acabam falando e o mal entendido acaba com um pedido de desculpas sem eu mesma interferir. Quando a coisa é mais séria, procuro conversar com o aluno em particular e questiono as consequências de sua atitude e juntos procuramos solucionar o problema.

Se por um lado é importante a existência de afetividade confiança, empatia e respeito entre docente e discente para que melhor se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma; por outro, nós educadores não

podemos permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de nosso dever de professor. Portanto, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno, apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não devem fazer parte das atitudes de um “Formador de Opiniões”, dessa forma, devemos vê-los como iguais e não favorecer uns em detrimento de outros. Uma regra vale para todos e não somente para “alguns”.

O elogio também faz parte do processo ensino-aprendizagem, mas aprendi que não devemos fazê-lo de forma arbitrária, pois a qualidade do elogio não está nas palavras, mas na maneira como ele é feito. Compreendi que devemos elogiar pontos fortes de cada aluno, como por exemplo: um aluno faz produções de texto com muita facilidade então podemos dizer que “você passa as idéias de forma clara e argumenta muito bem”, ao invés de dizer simplesmente: “Parabéns!”.

Uma coisa muito importante que nós devemos prestar atenção é não elogiar somente as crianças que tem mais facilidade em se expressar, pois todas as crianças merecem elogios. Devemos ficar atentos e elogiar a todos por iniciativa, pois as boas idéias devem ser valorizadas, por esforço: o empenho da criança precisa ser reconhecido, caso contrário ela poderá se sentir desestimulada no futuro, e por resultado: devemos valorizar não somente os bons resultados, pois todos merecem elogios, até nós adoramos quando nosso trabalho é reconhecido e ganhamos elogios da direção ou até mesmos dos pais de nossos alunos, quem dirá nossos alunos?

No decorrer desses anos como professora, já tive várias experiências positivas com alunos que tinham muitas dificuldades de aprendizagem. Conversava com eles em particular, deixava claro que eu acreditava no potencial que eles tinham, elogiava-os em seus pontos fortes, incentivava-os a participarem dos grupos dentro da sala de aula. Dessa forma, mostrando-me solidária e acima de tudo mostrando que acreditava neles, os mesmos obtiveram um bom desempenho no decorrer do ano letivo. Isso é muito gratificante, pois se não fizesse nada por eles, certamente o desempenho dos mesmos acabaria por piorar e não achariam na escola motivação para continuar estudando.

Devemos acreditar nos nossos alunos e isso ficou claro quando assistimos ao filme “O céu de outubro” em uma das aulas de Pensamento Filosófico e Educação. O garoto sonhava em ter um destino melhor que seu pai e a maioria dos jovens da cidade, e por acreditar que conseguiria lutou muito para isso. Contou muito com o apoio de sua professora, que era uma pessoa de idéias claras, otimista, amiga, incentivadora e colaboradora. Acreditava no potencial de seus alunos e queria vê-los tendo uma vida melhor e fez tudo o que estava ao seu alcance para ajudar, ao contrário de seu pai e do

diretor do colégio. Essa professora fez a diferença na vida desse aluno, por acreditar e incentivar ele conseguiu mudar de vida e entrar para a faculdade. Isso mexeu muito comigo e me abriu os olhos quanto a acreditar nos sonhos tanto de meus alunos quanto de meus filhos. Não podemos tolher esses sonhos, mas sim propiciar condições para que se tornem realidade.

Snyders (1993, pág.91, apud LEITE, 2001, pág. 252) vem nos dizer que a relação professor-aluno é ao mesmo tempo afetiva e de progresso cultural (progresso na conquista da cultura), é afirmar que o elemento intelectual está apto a se unir aos elementos de sentimento. Dizer que essa relação escolar pode proporcionar alegria é garantir que o elemento intelectual contém como que um apelo, à junção com os elementos de sentimento – quando ambos são vividos com bastante profundidade. Reciprocamente, o afetivo dá acesso ao intelectual: o sentimento da paixão torna-se compreensão e, portanto, saber. Dessa forma, os aspectos afetivos que permeiam a relação professor-aluno, não se restringem somente às virtudes e aos valores do professor com relação aos alunos, manifestam-se também na maneira como o professor lida com o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve.

7.3) AUTORIDADE X AUTORITARISMO

Se trabalho levando em conta o que o aluno traz de conhecimentos, valorizando, elogiando, dialogando, dando liberdade aos educandos para exporem suas opiniões, enfim, enxergando-o como seres capazes, não posso de maneira nenhuma permitir que o autoritarismo faça parte de mim e especialmente de minhas aulas. Devo estar sempre me aperfeiçoando e acima de tudo, devo ter segurança no que faço, pois só assim poderei desempenhar bem meu papel de educadora em sala de aula.

Sei que para por em prática o diálogo em sala de aula, não posso colocar-se na posição arrogante de quem se pretende detentor de todo o saber; devo, antes, colocar-me na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo.

De acordo com Perissé (2004, págs. 168 e 169) não podemos conceber um diálogo a base de gritos, pois o grito é a marca registrada do antidiálogo e sabemos que o diálogo é a principal forma de conhecimento e que todas as repostas em um diálogo estão certas, mesmo não correspondendo aquilo que gostaríamos de ouvir. Devemos criar o hábito de fazer silêncio interior, para ouvir o outro. Dessa forma, ensinar o meu aluno a ouvir, depende da minha capacidade de ouvir o outro e de ouvi-lo. Dependerá do meu silêncio para escutá-lo. Fazer silêncio interior para ouvir o outro. Silêncio este extremamente útil também para o nosso desenvolvimento intelectual.

Mas nem sempre conseguimos fazer com que todos os alunos, pratiquem o diálogo em sala de aula, pois alguns alunos ainda não conseguem ouvir o outro, se colocar no lugar do outro. Mas, acredito que em nossa profissão não podemos desanimar diante disso, e sim continuar insistindo cada dia mais com esses alunos, nos mostrando amigos, colocando-nos a disposição para ouvi-los.

De acordo com Freire (1996, pág.103) “... outra qualidade indispensável a autoridade em suas relações com as liberdades é a generosidade. Não há nada que mais inferiorize a tarefa formadora da autoridade do que a mesquinhez com que se comporte”. Não podemos ter em nosso discurso uma coisa e fazer outra totalmente ao contrário. Muitos professores ainda fazem de suas aulas um verdadeiro terrorismo, não deixando os alunos à vontade para perguntarem, se expressarem, fazendo abuso do poder para punir e castigar e, em seus discursos são maravilhosos e exemplares. Que pena!

“ A autoridade coerentemente democrática, fundamentando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário, aposta nela. Empenha-se em desafiá-la sempre e sempre; jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem. A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta” (FREIRE, 1996, pág.104).

Estando preocupada com a aprendizagem de meus alunos, acredito que devo proporcionar momentos de liberdade em que os mesmos ao exercitá-la, ficarão mais livres quanto mais eticamente irão assumindo a responsabilidade de suas ações e praticando a sua autonomia, pois a mesma se constitui na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.

Sempre no começo do ano, tenho uma conversa informal com meus alunos, me apresento, conto de minha vida tanto pessoal como profissional. Digo que estou ali por uma opção, por sentir prazer no que faço. Não sou “dona do saber” e que juntos, iremos descobrir muitas coisas. Se por algum motivo eu não souber responder alguma pergunta referente a alguma dúvida, irei procurar pesquisar e trarei a resposta no dia seguinte. Isso faz com que os alunos confiem em você, e você se coloca de igual para igual perante eles. Isso já aconteceu em sala de aula. Um aluno me fez uma pergunta e eu realmente não sabia e não tive vergonha em assumir isso, disse que pesquisaria e trouxe a resposta no outro dia. Não devemos mentir ou omitir fatos, mas também sei da importância da capacitação diária que devo ter, pois não posso me permitir que diariamente não saiba responder a uma questão de um aluno.

Devemos também prestar muita atenção em relação ao nosso discurso em sala de aula, pois de acordo com Gallo (2001, pág.20):

“ Não se adquire postura por meio de discurso e que a formação dos alunos jamais acontecerá pela assimilação dos mesmos, mas sim por um processo microsocial em que ele é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade, ao mesmo tempo em que percebem essas práticas nos demais membros que participam deste microcosmo com que se relaciona no cotidiano”.

Demonstramos autoridade em sala de aula, mostrando que somos capazes de desempenhar bem nossa função, mostrando que estamos preparados cientificamente e, acima de tudo sendo coerente, não posso dizer uma coisa e fazer outra, de nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável à mudanças.

Devemos tomar cuidado com nosso discurso em sala de aula, pois tudo o que dizemos pode marcar um aluno tanto para o bem, quanto para o mal, como observa Freire (1996, pág. 73):

“O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”

O tom de voz utilizado carrega uma forte marca afetiva: mas, de igual maneira, o conteúdo do que é falado pode possibilitar ao aluno progredir e resgatar sua autoconfiança, refletindo diretamente na construção de sua auto-imagem. Confiança em si mesmo, desejo de aprender e prazer em conquistar, formam a química afetiva perfeita para o sucesso do processo da aprendizagem, como nos fala Tassoni. (apud LEITE, 2001, pág. 240.

É necessário que nós educadores façamos uso do bom senso, pois esse fator é fundamental. Não é possível termos profissionais que se coloquem acima dos outros, ao contrário, é necessário que se tenha humildade, que sinta prazer no que faça e o mais importante, que se faça com amor, pois todas as pessoas devem ser tratadas com dignidade e respeito.

7.4) COMO AVALIAR?

Luckesi (1984) caracteriza o ato de avaliar como uma função diagnóstica que, pela coleta e análise de dados relevantes, permite o reconhecimento do estado de aprendizagem do educando e objetiva o avanço e o crescimento do aluno. O professor deverá ver a avaliação como “um momento dialético de senso de estágio em que se está e de sua distância em relação à perspectiva que está colocada como ponto a ser atingido à frente” (LUCKESI, 1984, p.9 Apud LEITE, 2001, p.92).

Dessa forma não podemos mais conceber a avaliação centrada nos métodos tradicionais de ensino, onde ela era vista como um meio de classificação dos alunos e também servia como punição para os mesmos.

Acredito que dentro de uma aprendizagem significativa, a avaliação deve ser vista como uma atividade processual e constante, e que ela deva orientar o professor a rever sua intervenção com o objetivo de melhor adequá-la a cada aluno ou situação de ensino. Mas ainda o que acontece dentro de nossas instituições não é bem isso. Ainda temos professores, que a usam somente como classificatória, reforçando assim, a avaliação tradicional, onde acabam se empobrecendo as aprendizagens e induzindo nesses professores práticas conservadoras e nos alunos, estratégias utilitaristas.

È necessário que nós professores, saibamos o que avaliar e como fazer essa avaliação constante em sala de aula. Temos que enxergar o aluno como um “todo”: sua participação, desenvolvimento, comprometimento, enfim, tudo que diz respeito ao mesmo. Não se podem conceber “notas” somente de provas escritas, mas o que ainda acontece dentro de nossas instituições não é bem isso. Muitos professores ainda acabam se reportando somente a elas para entregar a média final, seja bimestral ou semestral quando nos é solicitado pela Secretaria de Educação, deixando assim o “aluno como um todo” de lado.

Luckesi (1984) propõe que se resgate a função diagnóstica da avaliação, ou seja, reconhece que a avaliação só tem sentido, numa sociedade democrática, se os seus resultados forem utilizados sempre a favor do aluno, ou seja, se os seus resultados forem sempre utilizados no sentido de rever e alterar as condições de ensino, visando ao aprimoramento do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno. Somente assim o professor poderá desenvolver as atividades de mediação de forma adequada, no sentido de possibilitar um crescente envolvimento afetivo do sujeito com o objetivo em questão. Assim, a avaliação deve ser planejada e desenvolvida como um instrumento

sempre a favor do aluno e do processo de apropriação do conhecimento. (Apud, LEITE e TASSONI ,pág.13)

Sei que a avaliação na escola não se refere somente ao aluno. Os critérios da avaliação devem levar em conta dois aspectos fundamentais: a avaliação da aprendizagem dos alunos, a partir de objetivos estabelecidos pelo professor em seu plano de curso e a avaliação do ensino do professor, a partir das respostas dos alunos.

Nesta perspectiva as informações passam a serem discutidas e trabalhadas pelo professor e pelo aluno em constante interação. O aluno, construtor de seu conhecimento, deixa de ser um mero repetidor ou reproduzidor de idéias alheias e torna-se agente da transformação do meio em que vive, sendo, então ativo e criador, capaz de produzir mudanças significativas na sociedade a qual pertence.

Dessa forma, a avaliação do rendimento escolar, em vez de ser um procedimento excludente ou de penalização do aluno, deve contribuir não só para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem por parte do professor, mas também para a conscientização do aluno. É preciso avaliar e valorizar os progressos, os avanços e as conquistas do aluno, e não se apegar de modo exagerado ao que ele ainda não aprendeu.

De acordo com o PCN, (v.I p. 81):

“Portanto, a avaliação das aprendizagens só pode acontecer se forem relacionadas com oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas, aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condição de enfrentar”

Tive uma experiência profissional em relação à avaliação, com uma aluna no meu primeiro ano como professora. Por não ter experiência nenhuma, e conviver com outros professores também tradicionais, as avaliações não poderiam deixar de ser tradicionais. Tinha uma aluna que possuía muitas dificuldades na escrita e interpretações de texto, e isso a levava a tirar notas baixas nas avaliações. Mas apesar disso, era uma aluna que participava das aulas e se mostrava interessada. Essas notas baixas foram até o 3º bimestre. No 4º bimestre essa menina teve um bom desempenho em relação aos outros semestres, como já disse, ela sempre se mostrou interessada e obteve um avanço significativo. Dessa forma, refleti muito e cheguei à conclusão de que se retesse essa aluna, ela poderia ficar desmotivada e no ano seguinte esse avanço que mostrou poderia acabar desaparecendo. Dessa forma, a promovi para a 4ª série.

Como trabalhei por área este ano, a professora que ministrava aulas de Matemática, acabou retendo a aluna, por acreditar que seu desempenho não foi

satisfatório. Isso acabou gerando uma confusão com a diretora, pois a mesma me questionou como eu poderia ter aprovado uma aluna que teve um desempenho tão fraco até o 3º bimestre? Como não tinha conhecimentos teóricos, não tive como argumentar o porquê de eu tê-la aprovado. Dessa forma, ela acabou retendo a aluna também em Português.

8.) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi exposto, acredito que a aprendizagem significativa acontecerá se os educadores em geral tiverem uma mudança de olhar quanto ao ensinar. Não é mais possível que os educadores de hoje em dia usem de seu autoritarismo para impor seu poder diante dos alunos, bem como se faz necessário que a escola em si se dedique completamente ao seu planejamento, para que ele seja feito levando em consideração a realidade dos mesmos.

É de extrema importância uma relação afetiva entre professor/aluno, pois como foi dito a afetividade está ligada em todos os processos de ensino-aprendizagem. Temos como dever, fazer com que os alunos sejam protagonistas em sala de aula, não podemos deixá-los de lado, devemos envolvê-los em todas as atividades propostas para que os mesmos se sintam acolhidos e valorizados.

Hoje sei da importância de estar sempre repensando o processo de ensino-aprendizagem de meus alunos. Diante disso, devo ser um mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento, trabalhando de forma que, a partir dos conteúdos, dos conhecimentos apropriados pelos alunos, eles possam compreender a realidade para atuar na sociedade em que vivem e transformá-la. Dessa forma, o conhecimento terá um caráter significativo para os mesmos.

Acredito que minha formação inicial (Magistério) foi importante, porém como menciona Perón (apud LEITE, pág.364), não foi suficiente para o atendimento das exigências educacionais, cada vez mais complexas. Entende-se que é por meio de um processo ativo de reflexão sobre a prática, que ocorrerá o processo de formação contínua. Sendo assim, devo afirmar que o curso PROESF me possibilitou essa reflexão sobre minhas ações e práticas do cotidiano, levando-me a buscar sempre mais. A faculdade foi apenas o começo do que ainda virá pela frente, pois em minha profissão não me é permitido “estacionar”, mas sim devo aprimorar-me mais e mais a cada dia.

Um texto que me chamou muita atenção foi “Bambu Chinês”, que nossa Assistente Pedagógica Marilda trabalhou conosco nas aulas de Artes. Esse texto mostra que não devemos desanimar perante os obstáculos, que nos são colocados diariamente, mais sim continuar insistindo e querendo cada vez mais, pois só assim alcançaremos nossos objetivos.

BAMBU CHINÊS

(autor desconhecido)

Depois de plantada a semente deste incrível arbusto, não se vê nada por aproximadamente 5 anos, exceto um lento desabrochar de um diminuto broto a partir do bulbo.

Durante 5 anos, todo o crescimento é subterrâneo, invisível a olho nu, mas... uma maciça e fibrosa estrutura de raiz que se estende vertical e horizontalmente pela terra está sendo construída. Então, no final do quinto ano, o bambu chinês cresce até atingir a altura de 25 metros.

O escritor Stephen Covey escreveu:

“Muitas coisas na vida pessoal e profissional são iguais ao bambu chinês. Você trabalha, investe tempo, esforço, faz tudo o que pode para nutrir seu crescimento, e às vezes não se vê nada por semanas, meses ou anos. Mas se tiver paciência para continuar trabalhando, persistindo e nutrindo, o seu 5º ano chegará, e com ele virão um crescimento e mudanças que você jamais esperava...”.

O bambu chinês nos ensina que não devemos desistir facilmente de nossos projetos e de nossos sonhos... Em nosso trabalho especialmente, que é um trabalho fabuloso que envolve mudanças de comportamento, de pensamento, de cultura e de sensibilização, devemos sempre nos lembrar do bambu chinês para não desistirmos facilmente diante das dificuldades que surgirão.

Procure cultivar sempre dois bons hábitos em sua vida: a Persistência e a Paciência, pois você merece alcançar todos os seus sonhos.

“É preciso muita fibra para chegar às alturas e, ao mesmo tempo, muita flexibilidade para se curvar ao chão.”

Faço minhas as palavras desse escritor, pois como educadores temos o dever de “semear” sonhos, esperanças e amor, mesmo muitas das vezes não sendo fácil, pois sei que mais cedo ou mais tarde essas pequenas sementes darão frutos. Com certeza não será somente eu quem os colherei, mas com certeza, a sociedade em geral. Por esse fato é que se faz necessário que o meu trabalho seja realizado com muita paciência e principalmente amor, para que realmente minha missão valha a pena.

9) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afetividade e Ensino. Sérgio Antonio da Silva Leite, Elvira Cristina M. Tassoni. Faculdade de educação - Unicamp: no prelo.

ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite, (orgs.). *O sentido da Escola* - 3.ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2001

AMARAL, Cíntia Wolf do. Alfabetizar para quê? Uma perspectiva crítica para o processo de alfabetização. In: LEITE, Sérgio da Silva (org.). *Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

ARANTES, Valéria Amorim. A Afetividade no Cenário da Educação. In: NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta, SMOLKA, Ana Luiza (orgs). *Psicologia, Educação e as Temáticas da Vida Contemporânea*. São Paulo, Moderna, 2000.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. *Temas transversais e a estratégia de projetos*/ Ulisses F. Araújo. - São Paulo: Moderna, 2003. - (Coleção cotidiano escolar)

AZZI, Roberta Gurgel & SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. (organizadoras). *Psicologia e Formação Docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CURY, Augusto Jorge, 1958 – *Pais brilhantes, professores fascinantes* / Augusto Cury. – Rio de Janeiro: Sextante, 2003

FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia no livro didático* / Ana Lúcia G. de Faria, 14^a.ed. – São Paulo: Cortez, 2002. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.37).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção leitura)

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella. Formação do leitor: importância da mediação do professor. In: LEITE, Sérgio da Silva (org). *Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

NOVA ESCOLA – A revista do Professor. Junho/Julho de 2003, pág.66.

Parâmetros Curriculares Nacionais: *Arte*/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3.ed. – Brasília: A Secretaria, 2001. –

Parâmetros Curriculares Nacionais: *introdução aos parâmetros curriculares nacionais*/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3.ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

PERISSÉ, Gabriel. *A Arte de Ensinar*. São Paulo: Luna, 2004.

RONCA, A.C.C. O modelo de ensino de David Ausubel. Em Pinheiro, W.M.A.(Org) *Psicologia e Ensino*. S. Paulo: Papervivros,1980.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. A afetividade e o processo de apropriação da linguagem escrita. In: LEITE, Sérgio da Silva (org). *Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

TRINDADE, Azoilda Loretto da, SANTOS, Rafael dos (orgs.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola*. 2.ed. Rio de Janeiro:DP&A,2000.